

# O filho estranho

—I—

Por A. J. Cronin

Famoso escritor inglês, autor de  
«A Cidadela»



HÁ ALGUNS ANOS que conheço este Henry Adams, e devo começar por prevení-los de que se trata de um homem perfeitamente comum. Vai nos 45, e o cabelo começa a rarear-lhe nas têmporas e no alto da cabeça; os óculos sem aro lhe tornam maiores os olhos, que são de um azul penetrante, inquisitivos. O Henry é guarda-livros de importante firma de material elétrico, em Nova York, e vive num destes típicos subúrbios de atmosfera «classe-média», que chamarei Elmville, com a mulher e três filhos: duas meninas, Betty e Luiza, de 15 e 13 anos, e Sammy, gurí de seis.

A casa não é nenhuma ucharia, e compraram-na com algum sacrifício, a prestações. Mas Henry sente-se bastante orgulhoso dela, sobretudo do bocado de terreno, nos fundos, onde passa as tardes de sábado e os domingos a trabalhar armado em jardineiro, metido num terno usado. Ajudado pelo gurí, que trabalha afanosamente com o carrinho de mão e o ancinho, pelo subsalário não-sindical de um níquel à hora—Henry esteve a pique, certa vez, de ganhar um prêmio na Exposição Floral de Elmville! Vai em dois anos, quando pelas tardes de Outono eu costumava meter-me a caminho para visitar Henry, era fatal poder observar aqueles incorrigíveis confederados, o homenzinho sóbrio e o garoto robusto, ambos curva-

dos sobre a grama dos seus domínios, ou de pé, orgulhosos da sua obra, queimando ao crepúsculo uma pilha de folhas secas. Sammy, é bem de ver, tinha grande apego ao pai, e Henry era francamente louco por aquele filho.

Tirando a jardinagem, as tarefas de Henry Adams são o que há de menos absorvente; gosta de ver um bom filme, uma vez por outra uma partida de futebol. Às noites, se chove, metida a meninada na cama, instala-se no seu canto ao pé do lume, a fumar um charuto e a ler uma história policial—e é um trabalho para a mulher arrancá-lo dali! Entretanto, se ela insiste na companhia dele para uma reunião social, Henry não se faz muito rogado.

Imagino eu que as línguas inclinadas à malícia diriam que em casa do Adams, como na de Gonçalo, «manda mais a galinha que o galo». Tal não é porém o caso, em se tratando de coisas que verdadeiramente importam. A sra. Adams é mulher de energia, bonita bastante para a idade que tem; possui um farto cabelo naturalmente ondulado, e um sorriso quente e bom. O interesse que dedica às sociedades de melhoramentos, facilmente a gente lho perdoa, quando prova a deliciosa torta de amoras que sabe fazer, ou repara no bom gosto dos vestidinhos que ela mesma cose, com seus dedos velozes, para as filhas usarem no colégio.

Falei acima das sociedades de «melhoramentos» a que a cidadezinha de Elmville se dá com sofrível fervor. Pois, quando os horrores da guerra se derramaram pela Europa, a cidade integrou-se no movimento a favor das crianças vitimadas pela conflagração. É claro que a sra. Adams se colocou logo à frente do movimento. Sugeriu mesmo ao marido que recolhessem na sua própria casa, até o fim da guerra, um menino refugiado. De começo a idéia não entusiasmou muito Henry, mas sempre acabou ele por ver o lado humanitário do caso, e concordar com a senhora.

Cumpridas todas as necessárias formalidades, os Adams receberam aviso de que lhes fora destinado um rapazito nascido na Silésia. Acompanhei Henry a Nova York no dia em que ele foi buscar o pupilo. Chamava-se este Paulo, mas o apelido da família era uma coisa embrulhada, que metia *Piotro* e *Stanal*, e não sei o que mais—de tal ordem que ninguém se atreveu mais a pronunciar-lo após a primeira e vã tentativa... Tinha 9 anos.

Por muito tempo que eu viva, nunca hei-de esquecer a primeira impressão que tive daquele produto do terror e da fome. Sentado num banco alto, parecia um camarão espetado num garfo, pálido de neve, com uns braços e umas pernas que pareciam caniços, crânio ossudo e rapado, e uns grandes olhos pretos, apavorados e, apesar disso, insondáveis. Não falava o inglês, e quando alguém lhe dirigia a palavra, tinha um jeito exquisito de furtar a cabeça, e esgueirar os olhos por cima do chapéu da gente. Foi pois assim que travei conhecimento com o estranho rapaz, Paulo Piotrostanski, ou lá como era a sua graça.

Levamo-lo enfim para Elmville, onde tudo estava disposto para o receber

regiamente. Luiza, Betty e Sammy acolheram-nos à porta, pulando de contentes, e a esposa do Adams veio correndo do fundo da cozinha. Ardia na chaminé da sala um grande lume hospitaleiro, a mesa estava alumada a velas como para um jantar de aniversário, pairando em toda a casa um cheiro bom, festivo, de Perú assado. Quando nos sentamos à mesa, para jantar, todos os presentes faziam tais esforços para que o recémchegado se sentisse em sua casa, que, devo confessá-lo, as lágrimas me acudiram aos olhos: é que eu ainda sou do tempo da estupidez sentimental... Paulo de certo modo «degelou» durante a refeição. Enquanto comia, com grande sofreguidão, não tirava a vista de Sammy, que estava sentado em frente dele: parecia querer devorá-lo com os olhos. Das duas meninas, ambas elas bonitinhas, que se desfaziam em gentilezas precocemente maternais para o agradar, quase não fez caso. Toda a sua atenção estava concentrada em Sammy. A certa altura precipitou-se rápido, por cima da mesa, de mãos estendidas para o petiz, ao mesmo tempo que soltava uma espécie de cacarejo agudo, estranho e trêmulo... Gesto cômico e tocante, que nos fez rir e nos pareceu o momento culminante do feliz serão.

Segundo todas as convenções, a história devia terminar aqui, nesta grata nota de esperança. Mas, feliz ou infelizmente, a verdade não se deixa guiar por fórmulas. Com o decorrer das semanas, a primeira impressão de ternura que o pequeno hóspede causara foi sendo pouco a pouco suplantada por uma penosa desilusão. Nada de bem preciso, que se pudesse dizer «é isto». Mas o quer que fosse lá estava... Resultado talvez das privações sofridas, ou dos

horrores da guerra que presenciara. Paulo não era—custa escrevê-lo—não era perfeitamente normal. Extravagante e alheada criaturinha, com as idéias mais confusas sobre a obediência, e perfeitamente insensível à noção mais comum de ordem moral. Dinheiro de trocos que ficasse esquecido pela casa, desaparecia inevitavelmente nos seus bolsos. À medida que adquiriu o domínio do idioma, o que fez com a facilidade imitativa de um macaco, demonstrou ser um habil manipulador de fantasias. Na escola, entretinha e fascinava auditórios de garotos com a narrativa das suas imaginárias aventuras: pálido e tenso, contava-lhes como tinha subjugado leões e morto bandidos pelas próprias mãos... Outras «ficções», bastante menos agradáveis de ouvir, vieram chegando ao conhecimento da família.

Quando o admoestavam por causa de alguma falta, Paulo tornava-se completamente inexpressivo, e seus olhos, ausentes, fitavam furtivamente o vácuo. Era impossível usar de severidade para com ele, pois a mais leve menção de castigo dava em resultado que acordava de noite aos gritos, em crises que deixavam toda gente exausta naquela casa. Parecia destituído de gratidão, menos em relação a uma pessoa. Passivo na sua atitude para com Betty e Luiza, tolerava Henry com submissão e esquivava-se à sra. Adams—que, aliás, o tratava por vezes com aspereza. Mas em relação a Sammy dava mostras da mais absorvente devoção; seguia-o, de fato, por toda a parte, de tal maneira que chegava a causar estranheza. Tinha-se tomado de amizade pelo gurí à primeira vista, e quase não podia suportar a sua ausência.

Tal era a situação naquela família,

quando a América entrou na guerra. Henry Adams passou a trabalhar mais, e mais horas, o ordenado já não dava para tanto, e sobre o lar dos Adams caiu como que uma sombra de apreensão. Em todo caso, o inverno passou sem incidente de maior, e, ao vir a primavera, todos se sentiram desanuviados.

Foi então que, num quente dia de junho, Paulo adoeceu com uma inflamação da garganta. Meteram-no na cama e ninguém deu muita importância ao caso. Mas na manhã seguinte o rapaz tinha piorado, e a sra. Adams mandou chamar o médico da família. Depois de se demorar um tempo incrivelmente longo no sótão, a examiná-lo, quando desceu, o médico pronunciou palavras de alta gravidade sobre a doença do pequeno: com infração das ordens recebidas, Paulo tinha ido nadar num riacho vizinho, cujo acesso fora rigorosamente proibido a todas as crianças. Daí lhe resultara uma séria infecção, talvez estreptocócica; estava gravemente doente e com tendência a piorar!

Durante uma semana o desânimo reinou no lar dos Adams. Andava toda gente nas pontas dos pés, e lá em cima, isolado no seu quarto de mansarda, Paulo debatia-se e tartamudeava sob a ação do delírio agudo. O médico poucas esperanças tinha de o salvar: o germe era virulento, a resistência do paciente precária. Apesar disso, impenetráveis que são os desígnios de Deus, o pequeno escapou. Ao cabo de dez dias de desespero, estava livre de perigo, e pedia numa voz sumida que o deixassem ver o seu querido Sammy. Foi-lhe isso recusado, pois era grande o risco de contágio; mas os meninos lhe mandaram bilhetinhos e frutas, a casa regressou à vida, e todos se sentiram aliviados.

Ora, dois dias depois, sábado pela

manhã, quando o meu amigo Henry foi chamar o filho à cama, por serem horas de tomar o café, quase perdeu os sentidos diante da cena que presenciou: Paulo estava metido na cama com Sammy, que dormia, e passara-lhe o braço em volta do pescoço, ternamente, misturando a sua respiração doente com a do indefeso menino! Tinha-se esgueirado sorrateiramente para o quarto do pequeno amigo, feliz de se sentir perto dele, humilde como sempre na sua amizade. Ao ver entrar o protetor, lançou-lhe um fugitivo olhar e sorriu.

Nessa mesma tarde Sammy caiu doente. Tudo fizeram para o salvar, mas as suas probabilidades eram poucas—e quatro dias depois morria da infecção...

Por essa altura eu estava ausente. A carta que logo escreví ao meu angustiado amigo deve-lhe ter parecido trivial e vazia, apesar de toda a sincera e magoada condolência que nela pus. Bem sabia eu quão profundo era o carinho que tinha pelo filho aquele homem de poucas palavras: Sammy era a mola real da sua existência! Foi esse o pensamento que me acendeu numa sagrada indignação, e me determinou a escrever-lhe aconselhando-o a se desembaraçar do insuportável pesadelo—aquele pirralho por quem tudo tinha feito, e que o recompensara tragicamente arrebatando-lhe o filho querido... Existem por aí asilos e recolhimentos para meninos defeituosos e anormais, orfanatos apropriados, onde tudo se faria, que fosse humanamente possível, pelo desditoso Paulo. «Pelo amor de Deus—concluía eu—desvençilhe-se desse traste!»

Passara o Outono, e já o Inverno soprava seu hálito glacial, quando regresssei da Califórnia e corri a fazer uma visita ao meu amigo. Ao chegar à curva da estrada suburbana, de onde já se via

a sua casa, estaquei com uma pancada exquisita no coração, entre assombrado e descrente do que meus olhos viam... Trabalhando no quintal, a cobrir os canteiros do gramado, desolado agora e sem flores, devido às geadas do inverno, avistei Henry, mais magro, enregelhado, metido na mesma roupa gasta. E ao lado dele, ajudando-o com o ancinho e o carrinho de mão, andava um rapaziinho. O coração deu-me duas cambalhotas na caixa do peito, e por momentos julguei estar vendo um fantasma; mas depressa, afirmando-me bem, vi que se tratava de Paulo.

Encaminhei-me devagar para eles, e depois dos cumprimentos, exclamei:

—Então, vejo que você ainda o tem por aquí...

—É..., e Henry fez uma pausa, evitando o meu olhar.—O pequeno tem melhorado bastante nestes últimos tempos... Está mais calmo e mais esperto... tem tomado aí não sei que hormônios em comprimidos...

Houve um silêncio comprido, enquanto nós ambos espiávamos o garoto, que estava a transportar o feno salgado no seu carrinho de mão. Ao chegar perto de mim, corou sob o meu olhar de hostilidade: era o sinal mais humano que até então lhe notara... Mas tanto não bastava para fazer baixar a vaga da minha indignação. Dominado por um sentimento de amarga revolta, disse:

—Tudo o que eu posso dizer é que ele tem muita sorte..., este tal Paulo Piotrostanalski—ou lá como diacho se chama!

—Que o nome não lhe dê mais embaraço! disse Henry, passando o braço pelos ombros do rapaz e lançando-me um sorriso calmo e um tanto tímido:—Agora ele se chama Paulo Adams, sabe? É o nosso filho adotivo...